

LAINI TAYLOR

DIAS DE
SANGUE E GLÓRIA

Tradução de de Elsa T. S. Vieira

*Era uma vez um anjo e um demónio
que partiram um osso da sorte.
E, quando o partiram,
dividiram o mundo em dois.*

1

A «Rapariga da Ponte»

Praga, princípio de maio.

O céu cinzento pesava sobre os telhados de contos de fadas e o mundo inteiro observava. Até tinham sido destacados satélites para vigiar a Ponte Carlos, no caso de os «visitantes» regressarem. Já tinham acontecido coisas estranhas naquela cidade, mas não assim tão estranhas. Pelo menos, desde que havia vídeo para o provar. Ou para o *explorar*.

– Por favor, diz-me que tens de fazer chichi.

– O quê? *Não*. Não, não tenho. Nem vale a pena pedires.

– Oh, vá lá. Eu própria o faria, se pudesse, mas sou rapariga e não posso.

– Eu sei. A vida é muito injusta. Mesmo assim, não vou fazer chichi em cima do ex-namorado da Karou só porque tu queres.

– O quê? Não te ia pedir uma coisa dessas. – No seu tom de voz mais razoável, Zuzana explicou: – Só quero que faças chichi para dentro de um balão, para eu depois o poder deixar cair em cima dele.

– Oh... – Mik fingiu ponderar durante cerca de um nanossegundo. – *Não*.

Zuzana soprou, exasperada.

– Está bem. Mas sabes muito bem que ele merece.

O alvo estava três metros à frente deles, a dar uma entrevista a uma equipa de reportagem internacional. Não era a sua primeira, nem sequer a sua décima entrevista. Zuzana já lhes perdera a conta. O que tornava aquela particularmente irritante era o facto de Kaz

estar nos degraus do prédio do apartamento de Karou, que já recebera atenção mais do que suficiente por parte de várias agências policiais e de segurança, sem que para tal fosse preciso a morada aparecer escarrapachada nas notícias para quem a quisesse ver.

Kaz andava muito atarefado a ganhar fama na qualidade de ex-namorado da «Rapariga da Ponte», como Karou ficara conhecida no rescaldo do combate extraordinário que direcionara o olhar do mundo para Praga.

– Anjos – sussurrou a jornalista, jovem e bonita (num típico estilo «modelo-assassina»). – Fazia alguma ideia?

Kaz riu-se. Zuzana, que adivinhara esta reação, soltou uma risada falsa em simultâneo com a dele.

– O quê, de que os anjos existem realmente, ou de que a minha namorada não estava nas suas boas graças?

– Ex-namorada – sussurrou Zuzana entredentes.

– As duas coisas, suponho. – A jornalista riu-se.

– Não, não fazia ideia nenhuma – admitiu Kaz. – Mas sempre houve mistérios com a Karou.

– Como por exemplo?

– Bom, ela era extremamente reservada. Eu nem sequer sabia a sua nacionalidade ou o seu apelido, se é que ela o tem.

– E isso não o incomodava?

– Não, era fixe. Uma rapariga bonita e misteriosa? A Karou andava com uma faca na bota, falava uma data de línguas, e estava sempre a desenhar monstros no seu...

Zuzana gritou:

– Conta-lhe daquela vez em que ela te atirou pela janela!

Kaz tentou ignorá-la, mas a jornalista ouviu.

– É verdade? Magoou-se?

– Bom, não foi a melhor coisa que já me aconteceu na vida. – Uma risada charmosa, no momento certo. – Mas não, não me magoei. Suponho que a culpa até foi um pouco minha. Assustei-a. Não era essa a intenção, mas a Karou estivera envolvida numa luta qualquer e parecia nervosa. Estava coberta de sangue, descalça na neve.

– Que horror! E ela contou-lhe o que aconteceu?

Zuzana gritou de novo:

– Não! Estava demasiado ocupada a atirá-lo através da janela!

– Na verdade, foi uma porta – contrapôs Kaz, lançando um olhar fulminante a Zuzana. Apontou para a porta de vidro atrás de si. – *Aquela* porta.

– Esta porta, aqui mesmo? – A jornalista estava encantada. Estendeu a mão e tocou na porta como se significasse alguma coisa, como se o novo vidro, em tempos estilhaçado pelo corpo arremesado de um mau ator, fosse alguma espécie de símbolo importante para o mundo.

– Por favor? – suplicou Zuzana a Mik. – Ele está mesmo por baixo da varanda. – Tinha as chaves do apartamento de Karou, o que dera jeito para retirar os cadernos de desenho da amiga antes de os investigadores conseguirem deitar-lhes a mão. Karou oferecera-lhe o apartamento para Zuzana morar mas, para já, e graças a Kaz, o local convertera-se num verdadeiro circo. – Olha. – Zuzana apontou para cima. – É mesmo a direito. E tu bebeste aquele chá todo...

– Não.

A jornalista inclinou-se mais para Kaz, com ar conspirador.

– Então, onde é que ela está agora?

– A sério? – murmurou Zuzana. – Como se ele soubesse. Como se não tivesse dito nada aos últimos vinte e cinco jornalistas porque estava a guardar aquela excelente informação secreta só para ela.

Nos degraus, Kaz encolheu os ombros.

– Todos vimos o que aconteceu. Ela voou e desapareceu. – Abanou a cabeça como se ainda não conseguisse acreditar e olhou diretamente para a câmara. Era muito mais atraente do que merecia. Kaz fazia com que Zuzana desejasse que a beleza pudesse ser retirada por mau comportamento. – *Voou* e desapareceu – repetiu o rapaz, de olhos muito abertos, numa expressão falsa de assombro. Durante as entrevistas, representava como se estivesse numa peça: o mesmo espetáculo, uma e outra vez, com pequenas improvisações consoante as questões. Estava a perder a graça.

– E não faz ideia para onde poderá ter ido?

– Não. A Karou estava sempre a desaparecer, passava dias sem que ninguém a visse. Nunca dizia para onde ia, mas estava sempre exausta quando voltava.

- E acha que voltará, desta vez?
- Espero que sim. - Outro olhar emocionado para a câmara.
- Tenho saudades dela, sabe?

Zuzana gemeu como se estivesse com dores.

- Oh, alguém que o calee!

Mas Kaz não se calou. Virou-se para a jornalista e continuou:

- A única coisa boa é que posso usar isto no meu trabalho. As saudades, a incerteza. Enriquece o meu desempenho. - Por outras palavras: *Chega de falar na Karou, vamos conversar sobre mim.*

A jornalista fez-lhe a vontade.

- Então... é ator? - ronronou, e Zuzana não aguentou mais.

- Vou subir - avisou Mik. - Podes ficar com o teu chá de bexiga.

Eu desenrasco-me.

- Zuze, o que vais... - começou Mik a dizer, mas ela já se afastara, determinada. O namorado seguiu-a.

E quando, três minutos depois, um balão cor-de-rosa aterrou em cheio na cabeça de Kazimir, este ficou em dívida para com Mik porque não foi «chá de bexiga» que se espalhou. Foi perfume, vários frascos de perfume misturado com fermento em pó, formando uma bela pasta peganhenta que se colou ao cabelo de Kaz, fazendo-lhe arder os olhos. A expressão no seu rosto era impagável. Zuzana sabia-o porque, embora a entrevista não fosse em direto, o canal decidiu transmiti-la.

Repetidamente.

Era uma vitória insignificante, porque, quando Zuzana tentou ligar para o telemóvel de Karou - pela milionésima vez - a contar-lhe, a chamada foi diretamente para o gravador. A sua melhor amiga desaparecera, possivelmente para outro mundo, e nem as transmissões repetidas do rosto estupefacto de Kaz coroado por pasta perfumada e pedacinhos de balão cor-de-rosa podiam compensar essa perda.

Se fosse chichi, contudo, sem dúvida que compensaria.

2

Cinzas e anjos

O céu sobre o Usbequistão, nessa mesma noite.

O portal era um rasgão no ar. O vento soprava através dele, assobiando como a respiração a passar entre os dentes. Nas orlas tremeluzentes, o céu de um mundo revelava o firmamento de outro. Akiva observou a interação das estrelas enquanto se preparava para atravessar. Do outro lado, as estrelas de Eretz cintilavam, ora visíveis, ora invisíveis, e ele fez o mesmo. Havia guardas em Eretz, e não tinha a certeza se devia ou não revelar-se.

O que o aguardaria no seu próprio mundo?

Se os irmãos o tivessem denunciado como traidor, os guardas apanhá-lo-iam assim que o avistassem – ou, pelo menos, tentariam. Akiva não queria acreditar que Hazael e Liraz o tivessem denunciado, mas tinha bem presente na memória o seu último encontro: a fúria de Liraz perante a sua traição, a repugnância silenciosa de Hazael.

Não podia correr o risco de ser apanhado. Foi assombrado por uma outra visão, mais nítida e recente do que a dos irmãos.

Karou.

Dois dias antes, Karou deixara-o em Marrocos, olhando para trás com uma expressão tão terrível que Akiva quase desejou que ela o tivesse matado. E o sofrimento dela nem sequer era o pior. O pior era a sua *esperança*, a crença desafiadora e vã de que aquilo que ele lhe contara não fosse verdade, quando o anjo sabia, com a pureza absoluta do desespero, que era.

As quimeras tinham sido destruídas. A família dela fora dizimada.

Por causa dele.

A infelicidade de Akiva era como uma criatura viva a devorá-lo. Estava a destruí-lo às dentadas e o anjo sentia cada uma delas – os dentes a rasgarem-no constantemente, a miséria a despedaçar-lhe as entranhas, a verdade impossível e o pesadelo daquilo que fizera. Naquele exato momento, Karou podia estar a pisar as cinzas do seu povo, sozinha nas ruínas negras de Loramendi – ou, pior ainda, na companhia daquela criatura, Razgut, que a levara de volta a Eretz. O que lhe aconteceria agora?

Devia tê-los seguido.

Karou não compreendia. O mundo para o qual ia regressar não era o mesmo das suas memórias. Não encontraria lá qualquer ajuda ou refúgio – apenas cinzas e anjos. As patrulhas de serafins controlavam as antigas Terras Livres e as únicas quimeras sobreviventes estavam acorrentadas e a serem conduzidas para norte sob os chicotes dos traficantes de escravos. Ela seria vista – como poderia passar despercebida, com o cabelo azul e a forma como deslizava pelo ar, sem asas? Seria morta ou capturada.

Akiva tinha de a encontrar primeiro.

Razgut afirmava conhecer um portal e, tendo em conta aquilo que era – um dos Caídos –, provavelmente era verdade. Akiva tentara segui-los, sem sucesso, até que ficara sem outra opção a não ser dirigir-se ao portal que ele próprio redescobrira, e à frente do qual se encontrava agora. No tempo que perdera a voar sobre oceanos e montanhas, qualquer coisa podia ter acontecido.

Decidiu-se pela invisibilidade. O dízimo era fácil. A magia não era de graça; o seu preço era *dor*, algo que o velho ferimento de Akiva lhe fornecia em abundância. Não custava nada usar essa dor e trocá-la pela quantidade de magia necessária para desaparecer em pleno ar.

Depois, foi para casa.

A alteração na paisagem era subtil. As montanhas ali eram bastante parecidas com as do mundo humano, embora lá as luzes de Samarkand brilhassem à distância. Ali não havia cidade: apenas uma torre de vigia num pico, com dois serafins a patrulharem por trás do parapeito, e, no céu, aquilo que verdadeiramente distinguia Eretz: duas luas, uma brilhante e a outra como um fantasma, quase invisível.

Nitid, a irmã mais brilhante, era a deusa de quase tudo para as quimeras – exceto dos assassinos e dos amantes secretos, claro está. Esses pertenciam a Ellai.

Ellai. Akiva ficou tenso ao vislumbrá-la. *Eu conheço-te, anjo*, podia a lua ter sussurrado: pois não vivera o anjo no seu templo por um mês, não bebera da sua nascente sagrada, não chegara mesmo a sangrar para dentro dessa nascente quando o Lobo Branco quase o matara?

A deusa dos assassinos provou o meu sangue, pensou Akiva, perguntando-se se Ellai teria gostado, se quieria mais.

Ajuda-me a pôr Karou em segurança e podes ficar com todo, até à última gota.

Voou para sul e para oeste, com o medo a puxá-lo como um gancho, mais depressa à medida que o sol subia no céu e o medo de chegar tarde de mais se transformava em pânico. Chegar tarde de mais e... o quê? Encontrá-la morta? Não conseguia parar de reviver o momento da execução de Madrigal: o baque surdo da sua cabeça a cair, o som dos chifres a impedirem-na de rebolar para fora do cadafalso. Na sua mente, porém, a quimera já não era Madrigal, mas sim Karou, a mesma alma num corpo diferente, e agora sem chifres que impedissem a cabeça de rebolar; apenas a seda azul e improvável do seu cabelo. Embora os seus olhos fossem agora pretos em vez de castanhos, ficariam vidrados da mesma maneira, novamente com a expressão dos mortos, e ela desapareceria. Outra vez. Novamente e desta vez *para sempre*, porque Brimstone não estaria lá para a ressuscitar. Dali para diante, a morte significaria morte.

Se não chegasse a tempo. Ou se não a encontrasse.

E, por fim, ali estava, à sua frente: a devastação que fora em tempos Loramendi, a cidade-jaula das quimeras. Torres derrubadas, ameias esmagadas, ossos carbonizados num campo ondulante de cinzas. Até as grades de ferro que em tempos tinham formado uma cúpula arqueada sobre a cidade estavam torcidas, como que afastadas pelas mãos de deuses.

Akiva sentiu-se a sufocar no seu próprio coração. Sobrevoou as ruínas, à procura de um vislumbre de azul na imensidão de cinzento e negro que era a sua própria vitória monstruosa, mas não viu nada.

Karou não estava ali.

Procurou durante todo aquele dia e também no dia seguinte, em Loramendi e para lá da cidade, enquanto pensava furiosamente, tentando perceber para onde é que Karou poderia ter ido. Porém, à medida que as horas passavam, as possibilidades tornavam-se mais sombrias e os seus medos distorceram-se em imagens de pesadelo inspiradas por todas as coisas terríveis que já vira e fizera. As imagens abateram-se sobre ele e pressionou os olhos com as mãos para as afastar. Não, Karou não. Ela tinha de estar viva.

Pura e simplesmente, Akiva não conseguia enfrentar a perspectiva de a encontrar de outra forma.

3

Menina desaparecida

De: Zuzana <fadaraivosa@abanapequenopunho.net>

Assunto: Menina desaparecida

Para: Karou <karouazul@raparigadosrecados.com>

Bem, menina desaparecida parece que caíste da face da Terra e não tens estado a receber as **minhas missivas muito importantes**.

Com que então, caíste para **outro mundo**, hã? Sempre soube que eras uma miúda esquisita, mas não estava à espera desta. Onde estás e o que estás a fazer? Não imaginas como isto está a dar cabo de mim. Como é? Com quem estás? (Com o Akiva? Sim, por favor?) E, mais importante ainda, também há chocolate aí? Suponho que não têm *wireless*, ou que não seja fácil vir fazer uma visitinha, e *espero* que seja esse o caso, porque se eu descobro que andas por aí a passear e ainda não me vieste visitar, sou capaz de fazer alguma coisa drástica. Talvez experimente aquela coisa, sabes, que as pessoas fazem quando ficam com os olhos todos molhados e estúpidos - como é que se chama? *Chorar*?

Ou **não**. Talvez te dê um **murro**, confiante de que tu não me darás outro por eu ser tão pequenina e querida. Seria como bater numa *criança*.

(Ou num texugo.)

Por aqui está tudo bem. Bombardeei o Kaz com uma bomba de perfume e passou na televisão. Estou a publicar os teus cadernos de desenhos em meu nome e arrendei o teu

apartamento a piratas. Piratas *malcheirosos*. Juntei-me a um culto angelical onde participo em círculos de oração diários, e também tenho corrido para estar em forma e poder usar a minha indumentária do apocalipse, que, naturalmente, trago sempre comigo, **pelo sim, pelo não**.

Vejamos, que mais? *levo dedo aos lábios*

Por motivos óbvios, as multidões estão cada vez **piores**. A minha misantropia está descontrolada. O ódio emana de mim como vagas de calor num desenho animado. O espetáculo de marionetas tem dado bom dinheiro mas estou a ficar farta, já para não dizer que tenho estragado sapatilhas de *ballet* como se não houvesse amanhã (bem, se os cultos angelicais estiverem certos, *não há mesmo*).

(Viva!)

O Mik é fantástico. Tenho andado um bocadinho em baixo (*cof cof*) e sabes o que ele fez para me animar? Bom, eu tinha-lhe contado aquela história de quando era pequena e gastei todos os meus bilhetes da feira a tentar ganhar o prémio na barraca dos bolos porque queria mesmo, *mesmo* comer um bolo inteiro sozinha - mas não ganhei e vim a saber mais tarde que podia ter *comprado* um bolo e ainda me sobriariam bilhetes para as diversões e foi o pior dia da minha vida. Lembras-te dessa história? Pois bem, ele fez uma barraca de bolos só para mim! Com números no chão e música e **seis bolos inteiros**, e depois de eu os ter ganhado a **todos** levámo-los para o parque e estivemos, tipo, cinco horas a dar bolo à boca um do outro com uns garfos supercompridos. Foi o melhor dia da minha vida - pelo menos até regressares!

Adoro-te e espero que estejas bem e feliz; e que, onde quer que estejas, alguém (o Akiva?) te esteja também a fazer barracas de bolos, ou o que quer que seja que os anjos ardentes fazem para as suas namoradas.

beijo/murro

Zuze